

# Alfredo Gutiérrez Borrero

---

## ALFREDO GUTIERREZ BORRERO

Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano (UTADEO)

<https://orcid.org/0000-0002-0470-4190>

Alfredo Gutiérrez Borrero currently works at the academic area of product design in the Facultad de Artes y Diseño, Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano. He has a PhD in Design and Creation, Universidad de Caldas, Manizales, Colombia. Alfredo does research in indigenous thought, declassification of knowledge, decoloniality and southern epistemologies Their most recent publication is Dessobons and archaeodesign.

### HOW TO QUOTE (APA7):

Gutiérrez Borrero, A. (2022). Dessobons: when design is the other (of many others). In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 17-20). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.190>

Video  
Presentation



# Dessobons: when design is the other (of many others)

## Keywords

Designs-other; Decolonial design; Indigenous design; Pluriversal design.

This lecture discusses the need to break the ontological, cosmological, etymological and epistemological (in fact all kinds of “-logical”) gravitational field of design as a modern and totalizing way of converting (and incidentally, devouring) into adjectives, from the same word, all the creative practices of materiality of all human groups (indigenous design, pluriversal design, decolonial design, autonomous design, etc.). The reason behind this position is that within the languages of many of these polycardinal (coming from all directions, better than non-westerners) human groups, the words “design”, “project” and “practice” do not summon anything. Dessobons are presented, as an intra-academic generalization to respectfully call the whole of the untranslatable and impluralizable “practices” that in diverse human groups fulfill a function like the one that design has within the thought and action of the western tradition from which it was born. This is set up to stop seeing such “practices” as “others” of design (not “other designs”, and not even “designs-other”) and start seeing design as the other of such practices. Design as the other of many other forms of otherness. The path of the Dessobons represents an escape, a flight from the design in 3 directions, first the south as the set of oblivions, rejections, contempts, and inclusions-dissolutions, from visions that locate north and west above and leave for the south and the east a secondary condition. In the plural, thought as “souths”, drifts to the south of the idea of design are undertaken, from various authors and wisdoms who find in the souths ways to account for links with otherness that do not

respond to the ordering modes of the dominant culture that, indeed, turns out to be the only one. The second direction of flight is that of the other, the questioning of the monologic that underlies all monoculture, this describes the trajectory of overcoming the propensity to cover otherness with external signification regimes. The idea of the toxicity of the design (design toxicity) and the toxicity of the data (datatoxicity) are introduced here, to deal with the uncritical automatism of the repetition of forms of generalization that does not attend to the specificity or the particularities of territories, places, and communities. The last direction of flight is that of other names: what during my doctoral work I called design by other names, but which in the end turn out to be names for “practices” similar to and at the same time different from design, which could be equated with it without be (therefore, equalvalents of design), practices with other names for which design is the other. The idea of designorance (everything that design ignores) is introduced here to approach, in a problem of organization of knowledge, forms of creation irreducible to those metrics with which academic knowledge, always inclined to impose its terms of comparison, projects itself onto what often does not even take the time to understand. The intention behind this escape from design towards dessobons is to allow the way for the declassified and declassifying coevolution of a diversity of heterogeneous and immeasurable creative possibilities without affiliating them to the domain of a matrix term (design) or molding or modeling them from it.

# Dessocons: quando o design é o outro (de muitos outros)

## Palavras Chave:

Designs-outros; Design decolonial; Design indígena; Design pluriversal.

Esta palestra discute a necessidade de quebrar o campo gravitacional ontológico, cosmológico, etimológico e epistemológico (de fato, todos os tipos de “-lógico”) do design como uma forma moderna e totalizante de converter (e incidentalmente, devorar) em adjetivos, a partir da mesma palavra, todas as práticas criativas de materialidade de todos os grupos humanos (design indígena, design pluriversal, design decolonial, design autônomo, etc.). A razão por trás desta posição é que dentro das línguas de muitos destes grupos humanos policardinais (vindos de todas as direções, melhor que os não ocidentais), as palavras “design”, “projeto” e “prática” não invocam nada. Dessocons são apresentados, como uma generalização intra-acadêmica para chamar respeitosamente o conjunto das “práticas” intraduzíveis e impluralizáveis que em diversos grupos humanos cumprem uma função como a que o design tem dentro do pensamento e da ação da tradição ocidental da qual nasceu. Isto é criado para deixar de ver tais “práticas” como “outras” de design (não “outros designs”, e nem mesmo “designs-outros”) e começar a ver o design como a outra de tais práticas. Desenho como a outra de muitas outras formas de alteridade. O caminho dos Dessocons representa uma fuga, um vôo do design em 3 direções, primeiro o sul como o conjunto de esquecimentos, rejeições, desprezos e inclusões-dissoluções, de visões que localizam o norte e o oeste acima e deixam para o sul e o leste uma condição secundária. No plural, pensado como “suis”, se deriva para o sul da idéia de design, de vários autores e sabedorias que encontram no sul formas de dar conta de ligações com a alteridade

que não respondem aos modos de ordenação da cultura dominante que, de fato, se revela ser a única. A segunda direção de vôo é a do outro, o questionamento da monologia que subjaz a toda monocultura, descreve a trajetória de superação da propensão a cobrir a alteridade com regimes de significação externa. A idéia da toxicidade do design (designtoxicidade) e a toxicidade dos dados (datatoxicidade) são introduzidas aqui, para lidar com o automatismo acrítico da repetição de formas de generalização que não atendem à especificidade ou às particularidades de territórios, lugares e comunidades. A última direção do vôo é a de outros nomes: o que durante meu trabalho de doutorado chamei de design com outros nomes, mas que no final acabam sendo nomes para “práticas” semelhantes e ao mesmo tempo diferentes do design, que poderiam ser equiparados a ele sem ser (portanto, equialtervalentes a design), práticas com outros nomes para os quais design é o outro. A idéia de designorância (tudo que o design ignora) é introduzida aqui para abordar, em um problema de organização do conhecimento, formas de criação irredutíveis àquelas métricas com as quais o conhecimento acadêmico, sempre inclinado a impor seus termos de comparação, se projeta sobre o que muitas vezes ele nem sequer tenta compreender. A intenção por trás desta fuga do design para os Dessocons é permitir o caminho para a co-evolução desclassificada e desclassificadora de uma diversidade de possibilidades criativas heterogêneas e imensuráveis, sem afiliá-las ao domínio de um termo matricial (design) ou moldá-las ou modelá-las a partir dele.

# Dissocons: cuando el diseño es el otro (de muchos otros)

## Palabras clave:

Diseños-otros; Diseño decolonial; Diseño indígena; Diseño pluriversal.

En esta charla se discute la necesidad de romper el campo gravitacional ontológico, cosmológico, etimológico y epistemológico (en realidad, todo tipo de “-lógico”) del diseño como forma moderna y totalizadora de convertir (y de paso, devorar) en adjetivos, a partir de la misma palabra, todas las prácticas creativas de materialidad de todos los grupos humanos (diseño indígena, diseño pluriversal, diseño decolonial, diseño autónomo, etc.). La razón de esta postura es que dentro de las lenguas de muchos de estos grupos humanos policárdinales (procedentes de todas las direcciones, mejor que “no occidentales”), las palabras “diseño”, “proyecto” y “práctica” no invocan nada. Se presenta como una generalización intraacadémica para llamar respetuosamente al conjunto de “prácticas” intraducibles e impluralizables que en diversos grupos humanos cumplen una función como la que tiene el diseño dentro del pensamiento y la acción de la tradición occidental de la que nace. Se trata de dejar de ver esas “prácticas” como “otros” diseños (no “otros diseños”, y ni siquiera “diseños-otros”) y empezar a ver el diseño como el otro de esas prácticas. El diseño como el otro de muchas otras formas de alteridad. El camino de los Dissocons representa una huida, un vuelo de diseño en 3 direcciones, primero el sur como el conjunto de olvidos, rechazos, desprecios e inclusiones-disoluciones, de visiones que sitúan al norte y al oeste por encima y dejan al sur y al este una condición secundaria. En el plural, pensado como “sures”, se deriva hacia el sur desde la idea de diseño, desde diversos autores y sabidurías que encuentran en el sur formas de dar cuenta de las conexiones

con la alteridad que no responden a las formas de ordenamiento de la cultura dominante que, de hecho, resulta ser la única. La segunda dirección de la huida es la del otro, el cuestionamiento de la monología que subyace a toda monocultura, describe la trayectoria de superación de la propensión a cubrir la alteridad con regímenes de significación externa. Se introduce aquí la idea de la toxicidad del diseño (diseñotoxicidad) y de la toxicidad de los datos (datotoxicidad), para hacer frente al automatismo acrítico de la repetición de formas de generalización que no atienden a la especificidad ni a las particularidades de territorios, lugares y comunidades. La última dirección de la huida es la de los otros nombres: lo que durante mi trabajo de doctorado llamé diseño con otros nombres, pero que al final acaban siendo nombres de “prácticas” parecidas y a la vez diferentes del diseño, que podrían equipararse a él sin serlo (por tanto, equialtervalentes al diseño), prácticas con otros nombres para las que el diseño es el otro. La idea de diseñorancia (todo lo que el diseño ignora) se introduce aquí para abordar, en un problema de organización del conocimiento, formas de creación irreductibles a las métricas con las que el conocimiento académico, siempre inclinado a imponer sus términos de comparación, se proyecta sobre lo que a menudo ni siquiera intenta comprender. La intención de esta huida del diseño hacia los dessocons es permitir la coevolución descalificadora y desclasificadora de una diversidad de posibilidades creativas heterogéneas e inconmensurables, sin afiliarlas al dominio de un término matriz (el diseño) ni moldearlas o modelarlas desde él.